



# Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

## Mulheres Singulares

**Marina Dewander Gabriel nasceu a 17 de Novembro de 1898**, na cidade de Angra do Heroísmo. Aqui, à semelhança do que acontecia nas outras duas cidades dos Açores, havia uma interessante vivência musical, protagonizada por profissionais e amadores, em espaços públicos, privados e domésticos. Marina Dewander cresceu nesse ambiente musical, com acesso aos circuitos musicais locais, graças ao seu contexto familiar. Era filha de Estella Ribeiro Gil, pianista, com quem iniciou os seus estudos musicais, e de Evaristo Dewander Gabriel, proprietário e comerciante natural e residente em Angra. O seu avô paterno era François Joseph Gabriel, agrónomo e jardineiro, natural de Liège, contratado pelo micalense António Borges para fazer o seu jardim em Ponta Delgada, tendo também colaborado nos jardins do actual Palácio de Sant'Ana, por encomenda de Jácome Correia.

Desenvolveu os seus estudos musicais em canto com João dos Reis Neves – professor de canto em Angra do Heroísmo que estudara em Itália. Com a mudança dos pais para Lisboa, Marina Dewander (como era conhecida) ingressou no Conservatório Nacional em 1919, onde concluiu os cursos de Piano (com Marcos Garin) e de Canto (com Augusto Machado) em 1924 com a mais alta classificação, tendo obtido o 1.º prémio de Canto. Paralelamente, teve aulas com os mestres açorianos Tomás Borba e Francisco de Lacerda, também eles amigos da família. A relação de proximidade entre o maestro e compositor jorgense de projecção internacional e Marina Dewander extravasou o âmbito do ensino e ampliou-se para a dimensão profissional. Foi ela a cantora que mais interpretou as Trovas de Lacerda, dentro e fora de Portugal, por vezes com o próprio compositor ao piano, como aconteceu, por exemplo, na “Semana Portuguesa” da Exposição de Sevilha, em 1929. Desse contacto terá nascido uma das características da sua carreira de intérprete nos vários palcos nacionais e internacionais: a divulgação da música de autores portugueses.



► Fotografia de Marina Dewander com dedicatória a Francisco de Lacerda, Madeira, Maio de 1932. Espólio Francisco de Lacerda, Museu de Angra do Heroísmo (MAHFL10154)

Após a conclusão dos seus estudos em Lisboa, a cantora açoriana com registo de mezzo-soprano seguiu para Paris em 1925, tendo estudado com Claire Croiza e Amédée-Louis Hettich. Estabeleceu-se também em Munique e em Milão com o propósito de trabalhar com os melhores mestres (Lotte Leonard e Giulio Asnovo, respectivamente). O ensino foi, de resto, outra área a que se dedicou intensamente, tendo tido inúmeros alunos a título particular (entre eles António Victorino d'Almeida), o que lhe valeu o convite do Padre Tomás Borba, então director da Academia de Amadores de Música, para integrar o corpo docente da instituição como professora, função que desempenhou entre 1940 e 1948. Neste período, teve uma intensa actividade de executante, quer na rádio, quer em público, destacando-se as primeiras audições das Paixões de J. S. Bach, a 9.ª Sinfonia de Beethoven e o *Requiem* de Mozart e de Berlioz, sob a direcção do maestro Ivo Cruz.

Ainda antes de partir para Paris, Marina Dewander apresentou-se como solista nos Açores, acompanhada ao piano pela mãe, em Angra do Heroísmo, num concerto com o conhecido sexteto Henrique Vieira e, em Ponta Delgada, com a violinista Sara Afonso. Do programa do concerto em Angra, no Salão Caridade, fez parte uma peça do importante compositor português Luís de Freitas Branco (1890-1955), e do concerto em Ponta Delgada, no Teatro Micalense, as Trovas de Francisco de Lacerda. Mariana Dewander apresentou-se igualmente no arquipélago da Madeira, por ocasião das Festas da Cidade do Funchal, em 1932, a cuja comissão presidia Francisco de Lacerda, que a acompanhou ao piano no então Teatro Dr. Manuel de Arriaga, actual Teatro Municipal Baltazar Dias.

Terminado o período conturbado da II Guerra, Marina Dewander fixa-se novamente em Paris e retoma a actividade concertística pela Europa, África do Sul e do Norte, Oriente e Américas, tendo sido a primeira artista portuguesa a apresentar-se na Escandinávia. Cantou com importantes pianistas e reconhecidos maestros e foi responsável pelos cursos de canto promovidos pela conceituada *Revue Musicale*, em Paris.

A partir do final da década de cinquenta, retirou-se dos palcos, mas continuou a viver na capital francesa, colaborando como júri em importantes concursos de Canto, em Paris e noutras cidades francesas. Morreu em São Sebastião da Pedreira (Lisboa), a 26 de Março de 1969. Terá sido a primeira mulher açoriana formada no Conservatório Nacional (após a reforma de Viana da Mota) e a que teve, indiscutivelmente, uma carreira mais internacional. Uma investigação mais profunda sobre a sua biografia pessoal e musical seria uma mais-valia para o património humano e artístico dos Açores no século XX.

Isabel Albergaria Sousa  
CESEM-NOVA FCSH

## Recomendamos a leitura

E a propósito das nossas artistas desta edição de “Trabalho no feminino”, Marina Dewander Gabriel (cantora) e Margarida Magalhães de Sousa (pianista), que também se dedicaram ao ensino, recomendamos a leitura da tese de doutoramento “Ensino da Música em Portugal (1868 – 1930): uma história de pedagogia e do imaginário musical”.

Da autoria de Ana Luísa Fernandes Paz, este trabalho de investigação apresenta o ensino vocacional da música numa perspectiva histórica, entre os anos 1868 e 1930.

Iniciando com a citação “só alguns aprendem a cantar, tocar um instrumento, compor” a autora apresenta-nos um vasto e rico caminho sobre o percurso do ensino artístico da música. “O ensino musical deve ser reservado aos que demonstram a possibilidade de se tornarem... génios?”; “Será que a maioria das pessoas tem de ser não-musical, para que algumas possam ser mais musicais?”; e o que se entende por génio? Estará diretamente ligado aos atributos Talento, Aptidão, Virtuosidade? Estas são algumas das muitas questões cujas respostas podemos encontrar neste trabalho, que se complementa com uma larga referência a vários músicos portugueses, como Viana da Mota, as irmãs Suggia, e as famílias Sá e Costa e Croner de Vasconcelos, entre outros.

Ana Paula Andrade



## Sabia que...

Margarida Magalhães de Sousa nasceu a 28 de junho de 1921, completando-se, este ano, 100 anos sobre o seu nascimento. Pianista exímia e Pedagoga de excelência, dedicou a sua vida à Música e aos seus alunos.

Foi no Conservatório Regional de Ponta Delgada que teve o privilégio de ser sua aluna da disciplina de Harmonia e Composição, no início dos anos oitenta. A D. Margarida – como todos a chamavam – era a alma do conservatório, a nossa matriarca, aquela que enchia a nossa escola de alegria com uma gargalhada vibrante, que anunciava a sua chegada. Cheia de agasalhos no Inverno, e muito esbaforida no verão, chegava ao conservatório e cumprimentava todos os que encontrava – colegas, alunos, funcionários – com a exuberância de quem está desejosa de estar com os amigos. E estava, realmente, entre amigos. Todos a estimávamos muito, e retribuíamos com o mesmo carinho com que nos tratava. “Gosto muito que gostem de mim” – dizia com um ar tão terno, mesmo irresistível!

As aulas de composição eram uma alegria constante. Raras eram as vezes que não tinha uma anedota ou uma história engraçada para contar... nem que fosse a mesma, repetida, de algumas aulas atrás. E era ela a primeira a dar a sua gargalhada contagiante que nos deixava felizes e relaxados, preparados para resolver qualquer trabalho de Harmonia que estivesse a correr menos bem. Ao corrigir os “baixos cifrados”, por vezes riscava algum acorde ou resolução harmónica que ela mesma tinha sugerido na aula anterior (e já não se lembrava), sempre na tentativa de atingir a perfeição. No piano, era a mestre! Todos os alunos, mesmo os que eram das classes de outras professoras – como era o meu caso, que sempre fui aluna da D. Natália – passavam “pelas suas mãos”, antes de alguma prova ou exame, pelo seu conhecimento, pelas suas palavras sábias e pelos seus conselhos musicais. Aquela aula da D. Margarida era o detalhe que faltava para as nossas apresentações públicas, como se fosse o selo de garantia para nós alunos, que procurávamos a excelência, honrando as nossas mestres.

De uma profunda religiosidade, a D. Margarida dizia que “a música é a linguagem de Deus”, e vivia com redobrada alegria o dia 22 de novembro, dia da nossa padroeira, Santa Cecília.

Ana Paula Andrade



► Programa de concerto na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, 1929. Espólio Francisco de Lacerda, Museu de Angra do Heroísmo (MAHFL8539)